

**A LITERATURA E A CRÍTICA LITERÁRIA
NAS CRÔNICAS DE GRACILIANO RAMOS**

Izaura Vieira Mariano de Sousa (UERJ)

izauramariano@yahoo.com.br

RESUMO

A conceituação das crônicas como gênero literário ainda é muito problematizada no meio acadêmico, pois, como Antônio Dimas ressalta, existem principalmente duas razões que colaboram para esse questionamento: o caráter jornalístico imediato da crônica e a sua especificidade temporal. Neste trabalho, situaremos o estudo das crônicas de Graciliano Ramos com base no que defende o crítico Afrânio Coutinho, de que a literariedade das crônicas reside na individualidade do autor e na qualidade literária que elas exprimem. Se considerarmos tais atributos, as crônicas de Graciliano Ramos podem ser incluídas no grupo de literárias, pois apresentam tais peculiaridades. O estilo do autor alagoano não se apaga nesse gênero e suas reflexões não se fixam em uma época específica. Nesse sentido, abordaremos um tema discutido amplamente em suas crônicas: a função da literatura e o processo do fazer literário. Observaremos como o escritor pensou em suas crônicas a literatura e a sua elaboração por um viés crítico intenso, pertinente aos estudos literários até os dias de hoje.

Palavras-chave: Crítica literária. Graciliano Ramos. Crônicas.

1. Introdução

O entrelaçamento da história dos folhetins e crônicas com o seu veículo, o jornal, somado a característica inerente às crônicas de abordarem fatos inclusos em um espaço de tempo específico, foram fatores que contribuíram para a problematização do entendimento da crônica como objeto de estudo literário.

Entretanto, se levarmos em consideração o que diz Afrânio Coutinho a respeito do tema, podemos então repensar essa postura diante da literariedade das crônicas:

De qualquer modo, aceite-se ou não a permanência da crônica, é certo que ela somente será considerada gênero literário quando apresentar qualidade literária, libertando-se de sua condição circunstancial pelo estilo e pela individualidade do autor. (COUTINHO, 2003, p. 110)

As crônicas de Graciliano Ramos possuem tais características. O autor traz à tona temas relevantes à época de suas publicações, importantes também para a discussão da literatura nacional até a atualidade. A escrita nas crônicas ressalta o estilo conciso e incisivo do escritor.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

O percurso da escrita das crônicas em Graciliano Ramos foi extenso. O espaço temporal que abrange a escrita das mesmas é de 1915 a 1952. Todavia, a edição delas em livros só foi realizada postumamente sob os títulos de *Linhas Tortas*, *Viventes das Alagoas* e, mais recentemente, *Garranchos*.

Em *Linhas Tortas*, o leitor de Graciliano Ramos se depara com diferentes assuntos e temas: política, economia, religião, seca, Brasil, literatura, entre outros. Na elaboração desses temas, nota-se uma escrita de cunho crítico, irônico e ao mesmo tempo denunciador. No posfácio de *Linhas Tortas*, Ruy Espinheira Filho ressalta:

Geralmente classificamos *Linhas Tortas* como livro de crônicas – mas sem dúvida são crônicas de características especiais, pois muitas têm profundidade e alcances de rara ocorrência nesse gênero literário.

Um implacável espírito crítico está sempre atento nestas páginas. Ninguém – e nada – lhe escapa. Nem mesmo ele, o cronista. Nem mesmo... o leitor. (RAMOS, 2005, p. 397)

Observa-se também que a estilística graciliana não se apaga nesse gênero. Assim como nos romances, a linguagem apurada e extremamente sintética também é encontrada nas crônicas. É interessante destacar que na escrita dos romances o leitor interage com um narrador ficcional; isto é, ainda que se leve em consideração que esse narrador traz em si características biográficas do escritor, não há como afirmar propriamente que ele representa as ideias do escritor Graciliano Ramos. Nas crônicas da segunda parte de *Linhas Tortas*, encontramos a assinatura do escritor. Logo, lidamos aqui com o que pensa ou o que afirma pensar o próprio Graciliano Ramos.

As crônicas do escritor alagoano remetem-nos a reflexões atemporais, pois as mesmas problematizações levantadas por ele durante a primeira metade do século XX, tais como o papel da escrita literária, o processo do fazer literário e as profundas transformações sociais e econômicas, ainda podem ser relidas e discutidas hoje. Assim sendo, a escrita cronística de Graciliano Ramos pode ser enquadrada como um gênero literário dentro do padrão estabelecido por Afrânio Coutinho, já que o estilo e a individualidade do autor predominam na escrita e a sua temática não se atém a um período de tempo determinado, podendo ser compreendida e perpetuada ao longo dos anos.

2. O fazer literário nas crônicas de linhas tortas

A questão da metaliteratura também foi enfocada na escrita das crônicas. Em *Linhas Tortas* encontram-se diversas crônicas cujo tema principal é a elaboração da escrita literária. Para discutir o fazer literário nas crônicas, tomaremos cinco nas quais este assunto é amplamente difundido: “Romances”, “Os sapateiros da literatura”, “Alguns tipos sem importância”, “Dois mundos” e “O fator econômico no romance brasileiro”.

Na crônica “Romances”, a permanência dos romances da literatura nacional é discutida pelo autor, já que o público parecia preferir os romances franceses tendo em vista a desconfiança no valor da mercadoria da casa. Para o escritor da crônica, apesar do otimismo dos críticos com relação à atual literatura (modernista), a exportação dos livros nacionais ainda não era uma realidade.

Graciliano Ramos põe em evidência o fato de que, apesar de o Brasil ter romances excelentes, eles ainda não eram exportados. Tal fato se agravava ainda mais porque, no próprio território brasileiro, a valorização dos mesmos não era vista: “Os críticos garantem a qualidade deles, os editores fazem uma propaganda terrível em jornal e em cartaz, mas os leitores desconfiam e vão direto à exposição dos livros franceses” (RAMOS, 2005, p. 206). Essa desconfiança do público leitor correspondeu à hesitação do público com relação à transição da literatura até então tradicional para a literatura modernista que estava em pleno curso.

Graciliano Ramos sugere de forma irônica e crítica que se deveriam vender alguns livros para fora e depois comprá-los novamente para que estes pudessem então voltar “melhorados” e “recomendados” por uma gente que julgamos “superiores”. A denúncia de Graciliano Ramos mostra a desvalorização da obra nacional em relação à estrangeira, mais especificamente neste caso, a francesa. A exportação que o escritor defende era necessária para a desmistificação de que “somos uns bárbaros, que só temos percevejos e moleques” (RAMOS, 2005, p. 206). Exportar a literatura brasileira modernista seria uma estratégia para difundir a nossa literatura, bem como os nossos valores e costumes, sem que estes fossem classificados como um retrato de uma sociedade primitiva. Nesse sentido, há também forte crítica ao governo, que deveria se ocupar de tratar desse assunto.

Ligado a isso, outro questionamento que encontramos em “Romances” é a desvalorização da língua falada pelos brasileiros, isto é, a

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

venda dos romances nacionais aumentaria caso estes, apesar de nacionais, fossem escritos em “língua de branco”: “Vendo-as em línguas de branco, o público arregalaria o olho, convencer-se-ia de que estava diante de mercadoria boa e cairia no logro: daria vinte mil-réis por uma brochura que aqui se vende por seis”. (RAMOS, 2005, p. 207)

Como se vê, Graciliano Ramos evidencia em “Romances” um dos problemas enfrentados por escritores nacionais na elaboração da literatura nacional: a barreira da descrença do público leitor e, conseqüentemente, a preferência por obras estrangeiras. Os escritores modernistas enfrentavam, entre muitos percalços, a dificuldade da aceitação de valores que exaltassem a pátria de forma não romantizada e idealizada, tais como a língua e a cultura brasileira na sua originalidade “Senhoras idosas, de óculos, ainda leem o *Guarani* e choram, mas relativamente aos livros modernos é o que se vê. Falta de público” (RAMOS, 2005, p. 206). Era preciso lidar com essa circunstância sem abandonar os ideais pelos quais os modernistas se empenhavam.

Em “Os sapateiros da literatura”, a crônica se inicia com o levantamento de uma pendência literária já então discutida por nomes relevantes da literatura nacional – a necessidade de saber escrever. Para Graciliano, a escrita é comparada à arte de fazer sapatos, na qual se faz necessário dominar a técnica requisitada.

Essa crítica se insere em um contexto no qual muitos pensavam ser mais importante o conteúdo da escrita, negligenciando em alguns pontos a forma como se escrevia. Graciliano Ramos ressalta a condenação feita por Mário de Andrade à literatura que é feita às pressas, abundante naqueles dias, e como um “grande homem de letras” divergiu “azedamente” dessa declaração de Mário de Andrade.

Saber escrever não é somente escrever formalmente, utilizando a “língua de branco” já mencionada anteriormente. O ofício da escrita, para Graciliano Ramos, envolve a habilidade de juntar de forma coesa e clara diferentes sentimentos e ideias:

Difícilmente podemos coser ideias e sentimentos, apresentá-los ao público, se nos falta a habilidade indispensável à tarefa, da mesma forma que não podemos juntar pedaços de couro e razoavelmente compor um par de sapatos, se os nossos dedos bisonhos não conseguem manejar a faca, a sovela, o cordel e as ilhós. (RAMOS, 2005, p.268)

Ao comparar os ofícios da escrita e de fazer sapatos, Graciliano Ramos acaba por colocar em pauta o papel da literatura enquanto merca-

doria. Não que o escritor estivesse destituindo a literatura da sua característica artística, porém a elaboração literária (principalmente jornalística, como no caso das crônicas) não podia ser separada da sua função de objeto comercial: “E espero também que os meus fregueses fiquem satisfeitos com a mercadoria que lhes ofereço, aceitem minhas ideias ou pelo menos, em falta disto, alguns adjetivos que enfeitam o produto” (RAMOS, 2005, p. 268). Graciliano Ramos pontua o fato de que está lidando diretamente com um público leitor específico, com o qual ele estabelece uma relação de satisfação e honestidade.

Outro ponto relevante ressaltado nessa crônica dialoga com “Romances”, no que diz respeito à necessidade das “letras” no país. Graciliano Ramos, mais uma vez, dizia que era importante para o país ter uma literatura nacional, “como qualquer país civilizado”. Entretanto, o autor nos aponta dois tipos de literatos: os que assim foram estabelecidos por nomeação, “que se vestem bem, comem direito, gargarejam discursos, dançam e conversam besteira com muita suficiência”, e “os sapateiros da literatura” (RAMOS, 2005, p. 269). Estes não foram nomeados, para eles o processo da escrita literária é uma elaboração trabalhosa. Os sapateiros da literatura, grupo no qual Graciliano Ramos se insere, não são exaltados como os literatos nomeados, não se vestem bem ou conversam besteira; porém, é deles a função mais difícil: a mais precisa elaboração literária.

Somos sapateiros, apenas. Quando, há alguns anos, desconhecidos, encolhidos e magros, descemos das nossas terras miseráveis, éramos retirantes, os flagelados da literatura. Tomamos o costume de arrastar os pés no asfalto, frequentamos as livrarias e os jornais, arranjamos por aí ocupações precárias e ficamos na tripeça, cosendo, batendo, grudando. Enfim, as sovelas furam e a faca pequena corta. São armas insignificantes, mas são armas. (RAMOS, 2005, p. 269-270)

Os sapateiros da literatura, quando manejam bem seus instrumentos de trabalho e dominam a técnica, apesar de não possuírem o *status* da nomeação, podem gerar uma literatura que é um instrumento eficaz, pois “a faca pequena corta e as sovelas furam”, isto é, ainda que desmerecidas, essas ferramentas podem produzir algum tipo de reação.

Em agosto de 1939, Graciliano Ramos publica “Alguns tipos sem importância”, uma das crônicas em que mais se pode perceber o autor falando de si e da sua própria escrita literária. O escritor começa a crônica questionando as personagens das suas obras: “Eu desejaria não tratar dessa gente que, arrumada em volumes, se distanciou de mim. Na fase de produção era natural que me interessasse por ela, presumisse que lhe da-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

va um pouco de vida; agora tudo esfriou, os caracteres se deformaram” (RAMOS, 2005, p. 278). Para ele, houve uma deformação por parte do público leitor com relação ao que ele realmente tinha a intenção de criar: “os leitores veem o que não tive a intenção de criar, aumentam ou reduzem as minhas figuras, e isto prova que nunca realizei o que pretendi” (RAMOS, 2005, p. 278). Para o escritor, a não compreensão do que realmente queriam dizer suas personagens fez com que todos falhassem no seu propósito.

Graciliano Ramos se mostra desapontado com tal fato e assume logo em seguida que a escrita lhe foi requisitada como encomenda. Ele admite ter assumido tal tarefa por falta de numerário, isto é, Graciliano Ramos diz ter escrito com fins financeiros. Isso nos remete à questão levantada em “Os sapateiros da literatura”, a respeito da relação entre os que fazem a literatura e os “fregueses”, como Graciliano Ramos mesmo os chama. A literatura como objeto de mercadoria é problematizada por diversos autores, porém, o que se vê na escrita das crônicas de Graciliano Ramos é que, apesar de a literatura se estabelecer em um campo de relação de mercado, e dificilmente poder se separar dele, a escrita literária, aquela feita pelos “sapateiros”, não é subserviente a essa relação. A literatura é mercadoria enquanto objeto de aquisição, porém a escrita literária não depende do mercado para a sua elaboração e continuidade, pois, como o próprio Graciliano Ramos afirmou em uma entrevista: “–Poderia hoje deixar de escrever? – Quem me dera poder deixar...”. (BRAYNER, 1978, p. 55)

Na crônica, vemos Graciliano Ramos discorrer sobre a escrita de seus romances e suas principais personagens. É interessante notar que o parecer crítico do escritor sobre sua própria escrita e que parece acompanhá-lo por todo seu percurso literário, é também mostrado aqui: “Esforcei-me por distrair-me redigindo contos ordinários”, “nessas páginas horríveis, onde nada se aproveita”, “é uma narrativa idiota, conversa de papagaios” (RAMOS, 2005, p. 279). A princípio, o que parece ser uma escrita sem compromisso algum acaba por se tornar em romance. As histórias, cheias de tipos miúdos, como o autor os caracteriza, tomam forma e são publicadas. E, mais uma vez, Graciliano Ramos traz à discussão a posição da língua portuguesa nesse contexto:

Nessas páginas horríveis, onde nada se aproveita, um fato me surpreendeu: as personagens começaram a falar. Até então as minhas infelizes criaturas abandonadas incompletas tinham sido quase mudas, talvez por tentarem expressar-se num português certo demais, absolutamente impossível no Brasil. (RAMOS, 2005, p. 279)

A adequação da língua à realidade brasileira parece ser crucial para que o romance aconteça. Os ideais nos quais o movimento modernista se baseou foram relevantes para que essa conjuntura se firmasse e o movimento por uma literatura que valorizasse a forma como os brasileiros falam ia se concretizando. Graciliano Ramos parece demonstrar que a adequação da língua se faz necessária para que o romance flua e as personagens tenham voz na história.

Nesse contexto de escrita, surgem algumas das mais intrigantes personagens que nossa literatura já conheceu, como Paulo Honório e Luís da Silva, que para Graciliano Ramos são os criminosos dos contos nos quais eles surgiram, antes de serem transformados em romances. Paulo Honório é descrito por Mestre Graça como a reprodução de “alguns coronéis assassinos e ladrões meus conhecidos” (RAMOS, 2005, p. 280). O escritor mais uma vez toca na questão da importância das influências estrangeiras na obra, mas prefere admitir que em sua escrita tal fato não ocorria:

Talvez me fosse útil afirmar que escritores importantes, naturalmente estrangeiros, me haviam induzido a fabricar uma novela. Seria mentira: as minhas leituras insuficientes iam deixando o século passado. Em falta de melhor, estava ali à mão um coronel, indivíduo interessante, embora não fosse abonado por mestres difíceis. (RAMOS, 2005, p. 280)

O outro criminoso, Luís da Silva, de acordo com Graciliano Ramos, era condenado a ser um personagem insignificante, a passar “despercebido”. Para o autor, só não o foi porque “fizeram do livro uma propaganda imerecida”, fato que o escritor credita à sua “emigração” (RAMOS, 2005, p. 281), ou seja, à época em que esteve preso sem culpa formada, sob a acusação de ser comunista.

Por fim, Graciliano Ramos narra o nascimento de *Vidas Secas*. Com o mesmo desmerecimento com que descreve o aparecimento de seus outros romances, ele diz que a obra foi resultado da escrita de algumas linhas sobre a morte de uma cachorra, “bicho que saiu inteligente demais” (RAMOS, 2005, p. 281), e das várias páginas dedicadas aos donos do animal, como se *Vidas Secas* fosse um livro como qualquer outro, assim como *São Bernardo* e *Angústia*.

Como se percebe, para Graciliano Ramos, Paulo Honório, Luís da Silva, a cachorra Baleia, Fabiano e os outros são “alguns tipos sem importância”, que acabaram se tornando protagonistas de suas obras. Um detalhe importante a se notar é que, ao descrever esses protagonistas, o escritor demonstra ter algo em comum com eles, ou seja, pode-se depre-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

ender que há um pouco do autor na elaboração dos mesmos, como sugere a crítica biográfica. Para o autor, essas personagens são tipos marginalizados e comuns, portanto, “sem importância”, e foram concebidos por meio de observações. Contudo, o próprio Graciliano Ramos admite a possibilidade da influência dele mesmo na construção das personagens:

Todos os meus tipos foram constituídos por observações apanhadas aqui e ali, durante muitos anos. É o que penso, mas talvez me engane. É possível que eles não sejam senão pedaços de mim mesmo e que o vagabundo, o coronel assassino, o funcionário e a cadela não existam. (RAMOS, 2005, p. 282)

Esse jogo de relação entre a obra e vida do autor foi estimulado pelo escritor alagoano não somente nas crônicas, mas também em entrevistas, o que acentua a hipótese de encontrarmos muito da biografia do homem Graciliano Ramos na sua escrita:

– Sua obra de ficção é autobiográfica?

– Não se lembra do que lhe disse a respeito do delírio no hospital? Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou. E se as personagens se comportam de modos diferentes, é porque não sou um só. Em determinadas condições, procederia como esta ou aquela das minhas personagens. Se fosse analfabeto, por exemplo, seria tal qual Fabiano...”. (BRAYNER, 1978, p. 55)

Na crônica “O fator econômico no romance brasileiro”, mais uma vez encontramos uma crítica à efemeridade dos romances nacionais. Nesta crônica, entretanto, a razão apontada por Graciliano Ramos para tal situação é devida ao fato de que falta nos trabalhos de ficção brasileira alguma coisa. Para ele, “nossos escritores não conseguem senão fazer trabalhos incompletos”. (RAMOS, 2005, p. 361)

Essa incompletude se deve à carência dos romancistas brasileiros de “uma observação cuidadosa dos fatos para a formação da obra de arte”, isto é, para se falar dos tipos, das personagens, faz-se necessário entender a base econômica que move a sociedade. Para Graciliano Ramos, o fator econômico de uma conjuntura social determina a mesma e tal observação deve estar inclusa na narrativa:

Os romancistas brasileiros, ocupados com a política, de ordinário esquecem a produção, desdenham o número, são inimigos de estatísticas. [...] Lendo certas novelas, temos o desejo de perguntar de que vivem as suas personagens. Está claro que os autores não conseguem furtar-se a algumas explicações referentes a este assunto, mas fazem-no como quem toca em matéria desagradável, percebemos que eles se repugnam e não querem deter-se em minúcias. (RAMOS, 2005, p. 363)

A não inclusão do fator econômico na narrativa torna a mesma inverossímil, ou seja, quando não sabemos de onde provém o capital de um

personagem ou por quais meios de vida ele sobrevive, parece-nos que falta um toque de realidade à história que lemos. De acordo com Graciliano Ramos, “A riqueza surge criada, como nas histórias maravilhosas, faz-nos pensar no deserto, onde o povo eleito recebia alimento do céu. Torna-se irreal, misteriosa”. (RAMOS, 2005, p. 364)

O que mais parece surpreender Graciliano Ramos é que essa postura de excluir o fator econômico da narrativa não deveria ser tomada por aquela literatura atual, que era diferente da anterior à outra guerra (Primeira Guerra Mundial). A literatura moderna era testemunha do conflito entre o capital e o trabalho, porém não apresentava essa relação conflituosa, e sim mostrava ora o trabalhador, ora o capitalista, como que partes estagnadas de um processo. Para Graciliano Ramos, a possível explicação para esse comportamento entre os autores modernos talvez fosse a dificuldade de um país em que “a profissão literária ainda é uma remota possibilidade e os artistas em geral se livram da fome entrando no funcionalismo público” (RAMOS, 2005, p. 365). Para os escritores, a falta de apoio na carreira literária e a conseqüente busca por uma fonte de renda os afastavam do assunto econômico, sendo a ficção um “refúgio” onde eles poderiam esquecer as suas próprias incertezas financeiras.

Além dessa ideia, Graciliano Ramos problematiza a falta da humanidade. O autor não defende que a arte deva retratar fielmente a vida, como um fotógrafo faria com uma imagem. A humanidade que era exposta nas obras sentia e pensava, mas era desprovida das necessidades essenciais, e por isso, deparamo-nos com seres incompletos: “Abandonando os fatos objetivos, investigando exclusivamente o interior dos seus tipos, alguns escritores geraram uma fauna de seres estranhos em que há um pouco de homens, muito de espíritos e demônios”. (RAMOS, 2005, p. 366)

Graciliano Ramos encerra a sua defesa pela inclusão do fator econômico na literatura ressaltando que, ao lermos, procuramos nas obras tipos que tenham alguma relação conosco, “alguns tipos sem importância”, personagens que se comportem como toda gente e não como seres que possuem alguma divindade ou anomalia. Para o autor, o romancista não é moralista e não defende uma causa, porém tem o dever de analisá-la. Para chegarmos à humanidade completa, necessitamos estudar as coisas nacionais de baixo para cima: “Não podemos tratar convenientemente das relações sociais e políticas, se esquecemos a estrutura econômica da região que desejamos apresentar em livro” (RAMOS, 2005, p. 368). Esse estudo da estrutura econômica de uma determinada região, adicionado à

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

análise da humanidade do indivíduo, alcança nos romances de Graciliano Ramos um auge de coerência e harmonia que é visto em poucas obras, pois, como afirma Carlos Nelson Coutinho:

A universalidade de Graciliano é uma universalidade concreta, ela se alimenta e vive da singularidade, da temporalidade social e histórica. O que lhe interessa não é a exemplificação, através da literatura, de teses e concepções apriorísticas: é a narração do destino de homens concretos, socialmente determinados, vivendo em uma realidade concreta. [...] Seus personagens são sempre *tipos* autênticos precisamente na medida em que expressam em suas ações o máximo de possibilidades contidas nas classes sociais a que pertencem. (BRAYNER, 1978, p. 73-74 e 79)

Em “Dois Mundos”, a reflexão se volta novamente para uma crítica a respeito da linguagem. Trazendo à tona o livro de Aurélio Buarque de Holanda, *Dois Mundos*, Graciliano Ramos procura desmistificar a crença de que a sintaxe e o bom gosto são incompatíveis. Para Graciliano Ramos, a obra de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira prova que personagens simples e humanas que foram construídas com muita lucidez são consequência de uma elaboração organizada sintática e semanticamente. O autor critica duramente a excessiva liberdade gerada pelo movimento moderno literário: “Originou-se uma certeza – e sobre ela se ergueu parte da nossa literatura contemporânea. Liberdade. Carta de alforria. Abaixo o galego. Os direitos do homem. Caímos no exagero”. (RAMOS, 2005, p. 388)

Essa liberdade propagada por alguns escritores do movimento modernista gerou em alguns casos uma balbúrdia e não uma revolução. Graciliano Ramos pontua que se devia renovar a língua, mas não bagunçá-la a ponto de ela tornar-se incompreensível. Graciliano Ramos, que sempre priorizou o trabalho exaustivo da escrita, melhorando-a, modificando-a, traz nomes como Aurélio Buarque de Holanda e o próprio Mário de Andrade (como na crônica “Os sapateiros da literatura”) para ratificar a sua posição a respeito da literatura brasileira e a sua elaboração. Para Graciliano Ramos, a escrita literária não devia ser feita às pressas, como Mário de Andrade criticou, e também deveria ser fruto de uma reflexão paciente e de bom gosto.

Graciliano Ramos não se excluiu do movimento moderno vigente; contudo, não aprovava a literatura que, para ser diferente e revolucionária, causasse, ao invés de revolução, uma bagunça, depreciando assim a escrita literária. Para terminar a sua crônica, Graciliano Ramos defende mais uma vez a utilização dos instrumentos certos por parte de quem lida com a literatura. Como os sapateiros e pedreiros precisam dos instrumen-

tos adequados, o escritor também necessita dos mesmos para o seu trabalho, como por exemplo, o dicionário: “O dicionário, em certos meios, é tão desconsiderado como os palavrões obscenos que a crítica pudibunda repele. Contudo, não poderíamos trabalhar sem ele”. (RAMOS, 2005, p. 390)

Como se percebe, por meio da escrita das crônicas, Graciliano Ramos se posiciona fortemente a respeito do papel do escritor, que deve utilizar sempre os instrumentos certos e trabalhar a língua para que no contexto literário ela se renove e dê origem a obras que possam gerar alguma reação no leitor e permaneçam, pois, como ele mesmo afirmou: “O que sei é que não há talento que resista à ignorância da língua”. (BRAYNER, 1978, p. 55)

3. Conclusão

Há, em muitas das crônicas redigidas por Graciliano Ramos, uma discussão da literatura dentro dela mesma, da sua finalidade e sua realização dentro do contexto literário moderno brasileiro. Pode-se notar que, ao longo da sua trajetória como escritor, tal assunto obteve um espaço considerável dentre as ponderações do autor, estabelecidas em suas personagens ou em sua própria assinatura.

Além de destacar o indivíduo e as tensões que lhe ocorrem, o autor põe em evidência aspectos inerentes à reflexão literária de forma peculiar e crítica, o que torna o estudo de suas obras uma tarefa inexaurível e sempre relevante para o estudo da literatura.

O autor de *Vidas Secas* pode ser incluído no grupo definido por José Luiz Jobim como críticos criadores:

Os críticos criadores dialogam com outros autores e críticos que escreveram antes deles e de alguma forma são uma prova de que a obra literária sempre se insere em múltiplos sistemas significativos, até por sua condição de permanecer muito além da morte de seu autor ou de seu primeiro público, e pode incorporar produtivamente ao seu tecido constitutivo a sua inscrição dialógica com períodos anteriores - com os quais, contra os quais ou a partir dos quais se estabelece - e com a sua contemporaneidade. (JOBIM, 2012, p. 7-8)

Além de escrever textos literários, o autor debruçou-se sobre a própria literatura, pensando-a criticamente tanto nos seus romances quanto nas crônicas.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Em Graciliano Ramos encontramos esse diálogo entre a obra, o homem, a literatura e a escrita. Não conhecemos na obra romanesca e cronística de Graciliano Ramos apenas o regional nordestino. Conhecemos o homem como ser universal que faz parte de uma sociedade concreta, cheia de problemas e questionamentos. Entendemos que a literatura é um caminho para que esses questionamentos sejam postos e não necessariamente respondidos. É por esse motivo que a escrita de Graciliano Ramos, mesmo se situando em outra época diferente da nossa, nos é tão familiar e atual, de modo que não se torna em nada ultrapassada e permanece viva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. Graciliano Ramos. In: _____. *História concisa da literatura brasileira*. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 400-405.

_____. O modernismo no Brasil depois de 30. In: _____. *História concisa da literatura brasileira*. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 383-384.

BRAYNER, Sônia. *Graciliano Ramos: coletânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Literatura em campo minado: a metalinguagem em Graciliano Ramos e a tradição brasileira*. São Paulo: Anablume, FAPESP, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: história e antologia*. Modernismo, vol. 2. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: _____. *A literatura no Brasil*, 6. ed. São Paulo: Global, 2003, vol. 6, p. 105-128.

DIMAS, Antônio. Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo? *Littera: Revista para Professor de Português e de Literaturas de Língua Portuguesa*, ano IV, n. 12, p. 46-51, set./dez. 1974. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.

JOBIM, José Luís. *A crítica literária e os críticos criadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. 2. ed. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2000.

RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.